

**Originalmente publicado em:** «Da escrita de Arsénio Mota para crianças e jovens: Muitas “histórias com histórias dentro” in FERREIRA, Serafim (2005): *Arsénio Mota 50 anos de escrita*. Porto: Campo das Letras, pp. 101-106.

# Da escrita de Arsénio Mota para crianças e jovens: muitas “histórias com histórias dentro”

Sara Reis da Silva

## RESUMO

Texto de homenagem a Arsénio Mota, nele se revisita brevemente o conjunto de títulos que este autor tem dedicado preferencialmente ao leitor infante-juvenil. Na leitura efectuada, percorrendo obras como *Segredos do Subterrâneo* (1986/1995), *História com Ratos da Paspalhóvia* (1986) ou *A Nuvem Cor-de-Rosa* (1989), apenas alguns exemplos, procura-se destacar quer as suas originais valências estéticas e/ou lúdicas – como o recurso a ousadas personificações, comparações inusitadas e a uma coloquialidade envolvente –, quer as linhas ideotemáticas mais recorrentes como a Verdade, a Paz e a Liberdade, a aprendizagem da vida e das relações humanas e, ainda, a valorização da imaginação e do sonho, particularmente na busca do Eu e do Outro.

*«Somos habitados por livros e por amigos.»*  
Daniel Pennac

Ouve-se repetidamente o nome, procura-se conhecer os seus livros e convivemos, assim, com a sua escrita. Depois, temos a satisfação de nos encontrarmos com outras palavras, que não as literárias já degustadas, as palavras do próprio autor-homem, que, com generosidade e alguma timidez, se dá a conhecer.

Embora progressivamente tivéssemos descoberto as múltiplas faces da actividade profissional de Arsénio Mota, foi nos livros que destinou ao público infante-juvenil que radicou, por razões pessoais e profissionais, a nossa principal motivação e foi também por via destes que viemos a aproximar-nos do autor.

Guardamos, ainda, uma folha impressa de uma mensagem electrónica enviada tempos depois da divulgação de uma curta resenha do livro *A Nuvem Cor-de-Rosa*. E porque foi esse texto que inaugurou a amizade que hoje mantemos com o escritor Arsénio Mota, fizemo-lo, até hoje, permanecer precisamente entre as páginas do livro *A Nuvem Cor-de-Rosa* (1989), verdadeiro passaporte feliz e muito seguro com o qual ingressámos no seu universo literário de potencial recepção infante-juvenil, responsável também pelo início daquilo que temos para nós como um raro convívio literário.

É por essa razão que, nesta rápida incursão pela escrita de Arsénio Mota, optámos por regressar, antes de tudo, à colectânea supracitada. Sucintamente, importa referir que, em *A Nuvem Cor-de-Rosa*, título também do terceiro conto que guarda a obra, se cruzam algumas das linhas ideotemáticas fulcrais na obra do autor, propondo uma leitura sempre renovada que ultrapassa o texto em si, na medida em que, como mencionámos noutra lugar (Silva, 2005: 179), esconde e pode desvendar valores universais como a Verdade, a Paz e a Liberdade, tocando, igualmente, questões como a da aprendizagem da vida e das relações humanas, como ocorre no conto «O Mel do Coração».

Se, como assinala José António Gomes, não é alheio a *A Nuvem Cor-de-Rosa* um certo fundo educativo (Gomes, 1991: 47), são, em nosso entender, as suas originais valências estéticas e/ou lúdicas que conquistam verdadeiramente leitores de todas as idades. Nesta, como em outros títulos do autor também de *História com Ratos da Paspalhóvia* (1986), vemo-nos submersos num discurso literário suportado por ousadas personificações, por comparações inusitadas e por uma coloquialidade envolvente.

Intimamente ligada às temáticas que apontámos como basilares em *A Nuvem Cor-de-Rosa*, pressentimos a tendência, ainda, para a valorização da Amizade e/ou do Amor, espelhados, de modo singular, em momentos diversos da escrita de Arsénio Mota, mas particularmente em textos como «A Corça e o Veado» ou «Eu, fazedor de balões», ambos contidos na colectânea *A roda que saiu dos eixos* (1987), ou, ainda, em «O satélite comilão», conto inserido em *Histórias com Historinha dentro* (1986).

Em *Caras e Bichos Caretas*, os “mundos possíveis”, que as suas seis narrativas sugerem, cativam também pela configuração maravilhosa que serve de moldura, por exemplo, a um monstro muito invulgar, a uma casa especial situada no alto de uma colina, a dois morcegos que são irmãos, mas muito diferentes, a ratos com preocupações ecológicas<sup>1</sup>, a um barco-gigante punido<sup>2</sup> e a algumas pessoas que, no seu bairro, não têm a luz nem o calor do sol<sup>3</sup>.

Desdobrando-se, assim, num número considerável de narrativas, tendencialmente de carácter breve (contos), a obra de Arsénio Mota que tem a criança e/ou o jovem como destinatários explícitos dá a ler, não raras vezes num tom dialógico, próximo do receptor<sup>4</sup>, e num registo marcado por finos traços de humor, algumas das faces do mundo presente. Da obra *Segredos do Subterrâneo* (1986/1995), por exemplo, narrativa protagonizada por um grupo de jovens, que se centra na temática da alienação motivada pela sociedade coeva, emerge, de facto, um olhar atento sobre o real, que, com mestria, o autor sabe passar pelo filtro da imaginação e ficcionalizar habilmente.

A tendência para a construção de narrativas de mistério e de enigma ganha, de igual modo, forma em títulos como *Os Segredos do Subterrâneo* (1995), *O Segredo da Rocha* (1996) ou *O Mistério da Floresta Mágica* (1999), textos aos quais a criança/jovem leitor facilmente aderirá.

Mas há ainda, para nós, um outro tópico nuclear na escrita de Arsénio Mota. Trata-se da valorização da imaginação e do sonho, particularmente na busca do Eu e do Outro, como se observa, por exemplo, na acção narrada e nas personagens que se movimentam no conto «Viagem ao outro lado do espelho». Neste primeiro conto, participante do díptico que forma a obra *Tenho uma ideia* (1989), são oferecidos ao leitor, qual «navegador-descobridor» (Mota, 1989: 9), conduzido, primeiro, pela figura de um professor e, depois,

<sup>1</sup> O conto «História com ratos da Paspalhóvia» foi publicado, com ilustrações de Manuela Bacelar, em edição autónoma, com a chancela das Edições Afrontamento, em 1986.

<sup>2</sup> Este conto, intitulado «Rei Jim», foi reeditado na colectânea *O Fogo Roubado* (2001).

<sup>3</sup> O conto «Sol para todos» integrou uma colectânea a que deu o título que foi editada, em 1972, por Edições Razão Actual.

<sup>4</sup> Cf. «Esta história do livro que tens nas tuas mãos não ter termina aqui. Vai mais longe (...) mas tu, leitor, paras aqui a leitura para contemplar a encantadora ilustração que perto encontras.»; «Gostas de ursos? Eu gosto tanto, tanto que nem sei explicar. E haverá algum no mundo que não adore vê-los no circo ou na televisão a fazer coisas engraçadas?»; «Já vos aconteceu estarem a ler um livro e, ao mesmo tempo, sentirem que nele vamos lendo a nossa própria história sem tirar nem pôr?» (Mota, 1986: 21; 25; 33).

pela de Tibério, personagem infantil espantosa, alguns ingredientes necessários a essa «viagem vertiginosa» até ao «inacessível outro lado das coisas» (idem, *ibidem*: 9) que a literatura, como a fábula dos gémeos e do rio encaixada neste conto, possibilita. Também no segundo texto «Tenho uma ideia», que, aliás, dá título à colectânea, acompanhamos a aventura da construção de um tecido baseado nos fios da imaginação, a tocar aqui, por vezes, o *nonsense*. Dessa espécie de deambulação livre pelo mundo das ideias resulta, assim, um conjunto de micronarrativas, pontuadas eficazmente por elementos resgatados ao universo infantil, como um mapa do tesouro dos piratas, palhaços, ilusionistas e vassouras voadoras.

Este *topos*, o da imaginação e do sonho, nada difícil de encontrar na escrita do autor de *A Sopa das Nove Letras* (1988), contempla, também, o da sensibilidade dada a ler, por exemplo, na tematização do amor às palavras e, especialmente, à arte<sup>5</sup>, como acontece, por exemplo, em *História de Cantarina Cantora* (2004), texto no qual se coloca o destinatário infantil em face da arte musical através de outra arte, a da literatura, convidando-o ao sonho como meio de realização e de harmonia pessoal. É, aliás, dos poderes da música que nos fala, igualmente, o conto «A Gaita da Figueira», texto inserido em *A roda que saiu dos eixos* no qual se tematiza a magia de uma «cantiga harmoniosa e alegre» (Mota, 1987: 10) soltada por um ferreiro «a tocar a sua gaita de figueira» (idem, *ibidem*: 12).

Neste sentido, fica em nós a ecoar a ideia de que os contos que acabámos de visitar, lidos na óptica macrotectual, desvelam um conhecimento profundo da condição humana, permitindo passear por entre alguns mistérios tanto de nós próprios, como dos outros, testemunhados nas múltiplas faces das personagens que, no espaço literário, se movimentam e que passam a povoar a nossa imaginação e a fazer parte daquilo que acaba, enfim, guardado no fundo de nós mesmos depois do livro lido.

Fica-nos também a ideia de que estas narrativas cumprem o seu destino matricial, na medida em que, como defende o seu autor, numa reflexão sobre a literatura para a infância, divertem, «funcionando como uma espécie especial de brinquedos», mas deixando no «pequeno leitor um rasto, uma fosforescência, aquele quê indefinível que outorga a um texto dimensão literária.» (Mota, 2001c: 16). É nesta medida que os textos de Arsénio Mota, porque, como sugerimos, se alicerçam na palavra revestida pela literariedade ou pela inovação e pela criatividade, abrem caminhos rentáveis ao exercício da imaginação e suscitam no leitor mais jovem a vontade crítica de aproximação autónoma à leitura literária.

E se, como muitos preconizam, a literatura de qualidade preferencialmente vocacionada para os mais novos é aquela que é também lida de modo aprazível pelos adultos, encerrando, portanto, um carácter ambivalente (Shavit, 1986), julgamos que o brevíssimo olhar que, nesta abordagem, lançámos sobre alguns textos de Arsénio Mota acaba inevitavelmente por testemunhar alguns desses “doces sabores” que provámos na leitura das suas palavras. É que, para nós, nesta relação com os livros e com a leitura, e seguindo as palavras de Marcel Proust, nesse belíssimo texto que é *O Prazer da Leitura*,

<sup>5</sup> Cremos que, a confirmar este apreço pela arte, se encontram as próprias ilustrações dos textos de Arsénio Mota, sendo estas da responsabilidade de artistas plásticos de renome como Júlio Resende, Emerenciano, Armanda Passos, Manuela Bacelar e António Modesto, só para citar alguns.

«não há amabilidade» (Proust, 1997: 52), pois «estes amigos [os livros], se passarmos o serão com eles, é porque realmente temos vontade disso. A eles muitas vezes só os deixamos a contragosto (...).» (idem, *ibidem*: 52).

É por tudo isto - e por muito mais que apenas um convívio sempre vivo com as palavras literárias e com o homenageado neste livro poderão desvendar – que apetece terminar assim: Parabéns, amigo Arsénio Mota!

Fevereiro de 2005

## Referências Bibliográficas

### Obras de Arsénio Mota

- ▶ (1986a). *Histórias com Historinha Dentro*. Porto: Figueirinhas (ilust. de Júlio Resende).
- ▶ (1986b) *História com Ratos da Paspalhóvia*. Porto: Edições Afrontamento (ilust. de Manuela Bacelar).
- ▶ (1987) *A Roda que saiu dos eixos*. Colec. «Asa Juvenil». Porto: Asa (ilust. de Luísa Brandão).
- ▶ (1988) *Sopa das Nove Letras*. Porto: Porto Editora (ilustrações de Emerenciano).
- ▶ (1989a). *A nuvem cor-de-rosa*. Colec. Asa Juvenil. Porto: Asa (ilust. de Júlio Resende).
- ▶ (1989b). *Tenho uma ideia*. Porto: Porto Editora (ilustrações de Júlio Resende).
- ▶ (1995). *Segredos do Subterrâneo*. Lisboa: Caminho (1ª ed. 1986).
- ▶ (1996a). *A Corte na Aldeia*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Armanda Passos).
- ▶ (1996b). *O Segredo da Rocha*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Emerenciano).
- ▶ (1998). *A Bandeira Escondida*. Porto: Campo das Letras (ilust. de Fernando Lanhas).
- ▶ (1999a). *A Ilha das Bocas Abertas*. Porto: Campo das Letras (ilust. de Emerenciano).
- ▶ (1999b). *O Mistério da Floresta Mágica*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de António Modesto).
- ▶ (2001a). *O Fogo Roubado*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Alfredo Martins).
- ▶ (2001b). *Caras e Bichos Caretas*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Monique Brouillard).
- ▶ (2001c). «Breves Reflexões» in *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, N° 7 (Dezembro de 2001), pp. 16-18.
- ▶ (2004). *História de Cantarina Cantora*. Porto: Campo das Letras (ilust. de Fedra Santos).

### Outras Referências

- ▶ Gomes, José António (1991). *Literatura para Crianças e Jovens. Alguns Percursos*. Lisboa: Caminho.
- ▶ Pennac, Daniel (1999). *Como um Romance*. Porto: Asa (11ª ed.).
- ▶ Proust, Marcel (1997). *O Prazer da Leitura*. Lisboa: Teorema.
- ▶ Shavit, Zohar (1986). *Poetics of Children's Literature*. Athens-London: The University of Georgia Press.
- ▶ Silva, Sara Reis (2005). *Dez Réis de Gente... e de Livros: Notas Sobre Literatura Infantil*. Lisboa: Caminho.